

Mudança do Garcia: uma estética particular no carnaval da Bahia

Edgard Mesquita de Oliva Junior

Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes UFBA, 2006. Artista Visual com atuação na linguagem da fotografia, vídeo documentário e pintura. Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas UFBA, 1982.
e-mails:
edgardjunior@ufba.br

Resumo

O festejo momesco na cidade do Salvador, Bahia, é marcado pela sua grande diversidade de gêneros carnavalescos que saem às ruas durante os seis dias em que se dá a festa. Há, entretanto, uma massificação do estilo de “brincar o carnaval” marcada pela própria história evolutiva da festividade na Bahia, especialmente na cidade do Salvador, e imposta pelos mega empresários que, na atualidade, “dirigem” o evento. Visto como um fenômeno à parte em meio a essa massificação, o bloco carnavalesco *Mudança do Garcia* traz um conjunto de ‘imagens’ referenciais à história e ao estilo do antigo carnaval baiano, com mascarados e brincantes, e, principalmente com representações de figuras que simbolizam personalidades políticas locais e nacionais. Trata-se de críticas e protestos abertos realizados de forma pacífica que tornam este momento do carnaval bastante expressivo quanto aos “gritos” da comunidade para seus anseios e desilusões para com os representantes políticos. As imagens aqui tratadas dizem respeito ao que se pode observar e interpretar na particularidade de cada mensagem. Por outro lado, a preservação de um carnaval mais espontâneo e vivo no sentido de uma marca presencial, mais contundente, torna este bloco um corpo político, dentro da URBIS, de grande importância no contexto de uma maior visibilidade para o público em geral. O carnaval nas ruas do bairro do Garcia torna-se, então, um marco em movimento, em oposição e expansão, mantendo a tradição e preservando valores da cultura popular dentro de uma sociedade política que se deixou render aos produtos mercantilistas de uma festa que “era” do povo mas que foi comprada pelos empresários.

Palavras chaves: Fotografia – manifestação popular – política

Resume

MUDANÇA DO GARCIA : UNE ESTHÉTIQUE PARTICULIÈRE DU CARNAVAL DE BAHIA

Cet article s'intéresse à la « Mudança de Garcia », manifestation populaire se déroulant lors du carnaval de Salvador. L'événement sera analysé sous la perspective d'un grand corps politique, dont la photographie devient alors le témoin privilégié en capturant une représentation vivante de la cité et de ses habitants.

Mots-clés : Photographie – manifestation populaire – politique

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer o convite feito a mim pelo Prof. Dr. Ricardo Barreto Biriba, Chefe do Departamento II da Escola de Belas Artes da UFBA, e que, com muita honra, aceitei para participar neste importante colóquio.

Gostaria também de agradecer à direção da Aliança Francesa da Bahia por esta parceria com a Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, neste importante momento de comemorações dos seus 130 anos de existência, e em especial pela presença do Prof. Dr. François Soulages, Paris VIII, por nos propiciarem o deleite de falarmos e discutirmos sobre as cidades, seus códigos e suas imagens.

Início a minha fala dizendo que as imagens estão para os nossos olhos assim como o ar está para os nossos pulmões, pois sem a luz e sem o ar não haveria vida neste belo planeta, no qual temos a missão, agora mais do que nunca, de cuidarmos bem.

Eu escolhi este tema para falar das imagens como corpo político da URBIS por uma simples razão: como testemunho, artista visual e fotógrafo estreante da manifestação popular momesca a “Mudança do Garcia”, durante o carnaval de Salvador, pude notar o quanto de “corpo político” estão imbuídas as imagens ali presentes.

A despeito do carnaval da cidade do Salvador, há uma grande dicotomia na opinião pública, já que o que se vê na mídia global, em geral, é uma homogeneidade de foliões vestidos de uma mesma maneira e se divertindo tão somente saltitando ao som de eletrizantes caminhões, turbinados com acordes repetidos e que parecem envelhecer à cegueira de uma grande massa que se deixa enganar tornando-se marionete da dinâmica capitalista em que se metamorfoseou o grande carnaval da Bahia.

Em princípio, a cidade se transforma em uma grande fortaleza para que os abastados se “protejam” dos discriminados, do povo mais espontâneo, dos ambulantes que acampam nas avenidas como desabrigados com toda a família, para ali ganharem mais um sustento extra. A presença desses sujeitos, cordeiros e vendedores ambulantes, na sua respectiva forma presencial e da estética da situação, já está incomodando olhares mais sensíveis, em geral artistas visuais como documentaristas, cineastas e fotógrafos que conseguem perceber, além das imagens banais dos repetidos blocos de abadás dirigidos por senhores que pensam sustentar uma “ordem” aparente e de segurança, porém, transformando o evento pela imposição de uma nova estética no carnaval de Salvador.



Fotografia do autor

Como voluntário testemunho visual e documentarista da Mudança do Garcia, despertaram-me bastante atenção as características daquela manifestação momesca pela sua persistência no formato de um carnaval de cunho popular e absolutamente criativo, a partir do uso da fantasia para as manifestações de ordem pessoal ou de grupo. Dentro desse contexto, pude perceber que ali estava o verdadeiro significado do carnaval da atualidade, assemelhando-se assim com a origem da festa pagã, que antecedia as comemorações comedidas da Semana Santa, do jejum para os cristãos.



Fotografia do autor

Do ponto de vista do movimento popular, a saída da “Mudança do Garcia” atinge este objetivo a partir da manifestação de cada cidadão que se expressa como assim o desejar direcionando sua(s) mensagem(ns) para a sociedade como um todo, sejam elas de caráter privado ou público. No contexto geral das imagens ali observadas e registradas, quando as cito refiro-me ao conjunto de mensagens imagéticas, sejam elas literárias em formato de pequenos textos, sejam elas não-verbais, como a produção de fantasias, máscaras e representações simbólicas, que nos remetem a conteúdos políticos das esferas municipais, estaduais ou nacionais. Há também as homenagens pessoais a amigos e políticos, ampliando, dessa forma, o leque de mensagens.

Essas manifestações públicas e espontâneas podem ocorrer, de uma maneira geral, em cidadãos mais criativos que, à parte desses momentos de maior liberdade, criam suas teorias fundamentadas em objetos de teor crítico e social, em diferentes momentos históricos, em diferentes sociedades. Um exemplo que me ocorre é o do conhecido artista visual Krzysztof Wodiczko (Polônia), cujos trabalhos se inserem dentro da linha do protesto, da irreverência e das proposições do resolver-se *per se* conquanto objeto de uso múltiplo. Para o artista, que constrói sua obra a partir do conceito do uso social, “as coisas têm que falar” (Apud, MONLEÓN, Mau, 1999 p: 135). Ainda, segundo o artista, “tem que se ‘interromper o silêncio’ das coisas para descobrir sua função e identidade, pois só assim é possível, através do diálogo, escapar da alienação que produz o vazio”. Então, observando as duas maneiras de se realizar o carnaval em Salvador, o “alienado” e o “vazio”, como carnaval dos circuitos oficiais, versus o inteligente, criativo e corajosa manifestação pública que é a “Mudança do Garcia”, ora resistente ao contexto emblemático do carnaval de camarotes dos circuitos Dodô & Osmar e Barra-Ondina, pode-se notar a riqueza simbólica do evento, embora inserida no plano do circuito tradicional, ou, para o bem de todos restringindo-se a uma parte da avenida, diga-se, Praça 2 de Julho - Campo Grande -, até retornar para seu esconderijo de bicho estranho, de bicho-papão das vertentes protecionistas à espera da próxima data momesca para, novamente, sair da sua caverna, abrigo do monstro feio que representa para os que não vêem ‘graça’ neste bloco. Ou, para a cegueira geral dos que não querem enxergar o que fizeram com o carnaval de Salvador.



Fotografia do autor

O potencial imagético apresentado no carnaval do Garcia define-se como pertencente ao contexto do irreverente, do sarcástico, da crítica política e construtiva, para uma sociedade melhor e ansiosa por mais igualdade entre as classes trabalhadoras dentro do plano urbano. Segundo MONLEÓN PRADAS(1999),

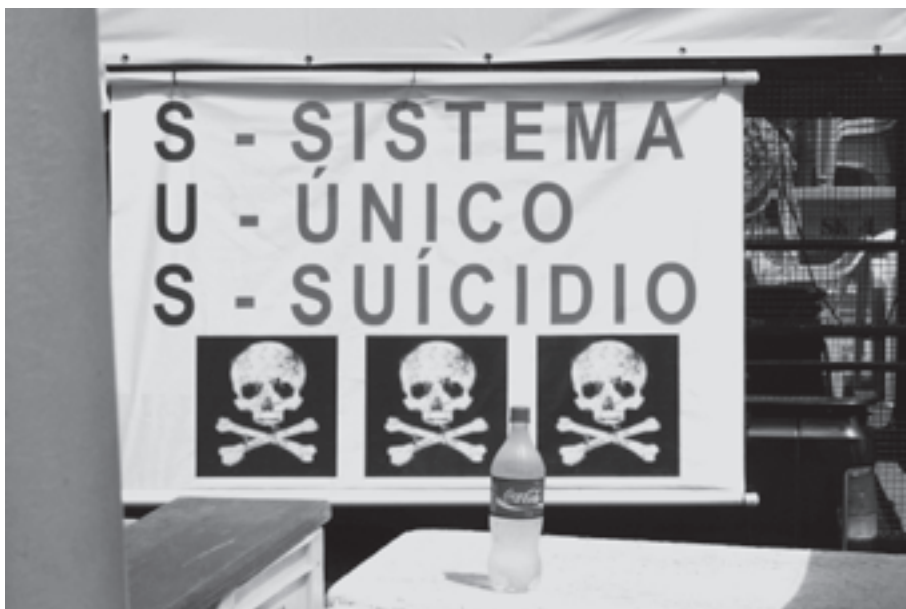
“como consequência de nossa ‘era pós-industrial’, a urbanização e o desenho das cidades têm se expandido, criando megaestruturas inumanas e gerando novos problemas na escala mundial que incidem diretamente na vida do cidadão (a parada, a xenofobia, a falta de vivência, a especulação imobiliária, a inadequação entre estruturas urbanas e necessidades sociais, o novo poder das multinacionais em matéria de comunicação, etc.)”

Revela-se, portanto, a Mudança do Garcia como uma necessidade de manifestar-se perante as autoridades públicas, e até mesmo como modelo educativo para os mais jovens daquela comunidade, com seus variados formatos de protestos, sejam eles em cartazes que ilustram a realidade brasileira, o cotidiano dos escândalos, pois sim, são imagens, ou através de fantasias alusivas a diversos personagens, entre eles dirigentes políticos. Sendo assim, as imagens são criadas para um determinado fim, pertinentes aos anseios populares. Dá-se, ali, o verdadeiro painel em obra aberta de um público que não faz do

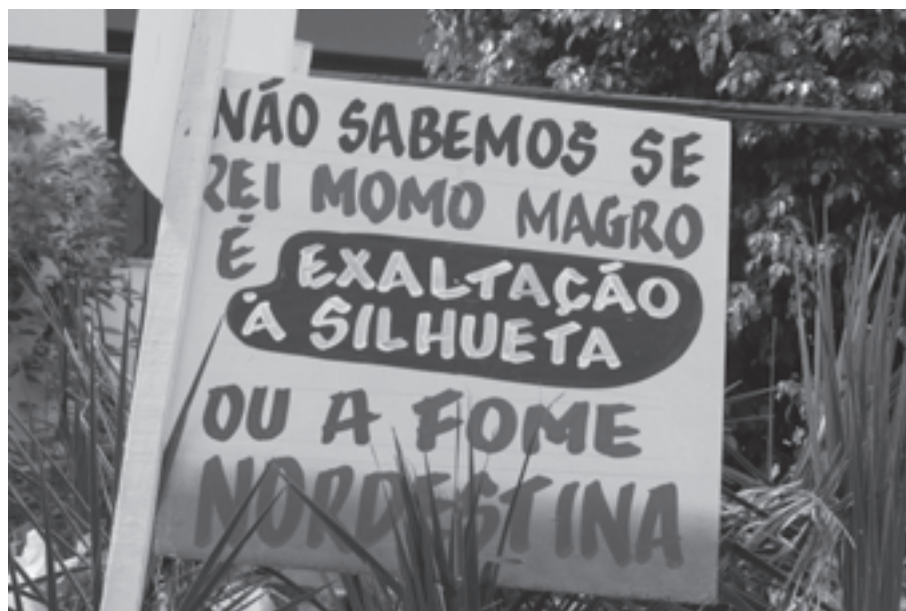
silêncio o seu protesto. Neste sentido aponta MADERUELO, Javier (1990, p: 371, apud Monleón Pradas) que

“o objetivo da arte pública crítica não é nenhuma alegre auto-exibição nem uma colaboração passiva com a grande galeria que é a cidade, seu teatro ideológico e seu sistema social arquitetônico. É mais um compromisso nas linhas estratégicas das estruturas da cidade e os meios que se interpõem em nossa percepção cotidiana do mundo: um compromisso através das interrupções, infiltrações e apropriações estético-críticas que questionam as operações simbólicas, psicopolíticas e econômicas da cidade”.

Tomando-se este princípio das “operações simbólicas”, a manifestação momesca “Mudança do Garcia” atua como um grande palco de questionamentos para as problemáticas da URBIS, buscando um compromisso com a sociedade local no perímetro da cidade do Salvador, extensivo a toda a nação. Frases como, “OH! Matilde, Matilde: VOCÊ MATOU O CARTÃO” ou “ NÃO SABEMOS SE O REI MOMO MAGRO É EXALTAÇÃO À SILHUETA OU À FOME NORDESTINA” e ainda, “UFRB EM PRÉDIOS EMPRESTADOS. QUEM CASA QUER CASA, QUEM ENSINA TAMBÉM” (APUB), trazem ao observador e folião vantagens visuais dentro de uma perspectiva de avanço democrático e salutar, na medida em que atos públicos que não seguidos de repressão política e/ou policial estão cada vez mais raros no plano mundial.



Segue, então, o cortejo para o grande encontro apoteótico na principal via urbana do circuito do carnaval oficial: o Campo Grande. Abrem-se os portões para a passagem das carroças, do povo que enfim tem chance de mostrar sem medo seu ato de repúdio e solidariedade. Segue todo aquele corpo de milhares de pés, braços e bocas expressando-se na via principal. É a apoteose, é o manifesto cumprindo sua meta social à espera da visibilidade do estado. Afinal, ali estão as principais janelas que permitirão a prefeitos, governadores, políticos e demais representantes do povo, “enxergarem” de seus “púlpitos” a nudez da realidade da cidade e do país. É necessário mostrar-se, é necessário que a grande massa perceba que além de pulos e ritmos ensaiados nas academias e comprados a peso de ouro, que além de arquibancadas “públicas” privatizadas e negociadas em bilheterias, que além das estrelas do carnaval está o povo, o povo que manifesta, que clama e urge pelas reais necessidades da URBIS que, aproveitando-se desse momento de liberdade e sem censura desfila com seus “carros alegóricos” rudimentares e decorados com ditas verdades de uma realidade invisível. É o contra-axé, o contra-camarote, o contra-elite de espaços públicos privatizados, cercados com seus tapumes anti-intrusos, mas curiosos e babões pelas estrelas do carnaval. Na “Mudança do Garcia” não há estrelas, pois o espaço está para todos e sob o sol escaldante da segunda-feira de carnaval desfila-se ou manifesta-se de acordo com cada mente, cada corpo e cada desejo.



Fotografia do autor

Neste conjunto entra a importância da fotografia. Técnica resultante da curiosidade humana e persistência na fixação das imagens visíveis e projetadas nas paredes das antigas construções e anteriores à Era Cristã. Seu desenvolvimento tecnológico permite que fotógrafos profissionais e amadores se deleitem na captura da ‘coisa’ em si. Seja através das máquinas ou aparelhos fotográficos com tecnologia digital ou para filmes, a essência do ambiente será capturada de acordo com o olhar e percepção sensitiva do seu manipulador. Amadores e profissionais de todo o planeta disputam esses espaços públicos em momentos de festejos populares. No carnaval não é diferente, entretanto diferente se torna aquilo que se captura, como já dito, pela sensibilidade de cada olhar individual e coletivo. Em plena era das imagens, a máquina fotográfica vem exercendo seu papel fundamental na produção imagética, tanto no âmbito social doméstico quanto no âmbito social político, permitindo que as diversas manifestações em todo o planeta se tornem visíveis e conseqüentemente objetos de amplas reflexões. Sobre o plano da captura e entendimento das imagens, MONLEÓN PRADAS, (1999) afirma que “a fotografia adquire um lugar privilegiado por sua eficácia na transmissão de ícones convencionais, assim como informação rapidamente assimilável por um público não especializado”. No caso especial da segunda-feira de carnaval e da manifestação “Mudança do Garcia”, há um ‘descortinamento’ dos símbolos do Estado, há também o desproteccionismo das “máscaras” políticas que angariam votos durante o ano eleitoral. Há, ainda, o encontro da entidade carnavalesca com a realidade e identidade visível da POLIS e seus habitantes.

Referência.

MONLEÓN PRADAS, Mau. *La experiencia de los límites*: híbridos entre escultura y fotografía en la década de los ochenta. València: Institució Alfons el Magnànim, 1999. p. 135-148.